

## **Meu encontro com Heliana**

### **My meeting with Heliana**

Esther Maria de Magalhães Arantes

Programa de Pós-Graduação Políticas Públicas e Formação Humana - UERJ

---

#### **Resumo:**

Como Heliana, nasci em 1949 e em julho de 2024, fiz 75 anos. Era o que ela faria também, poucos dias antes de mim, no mês de junho, caso não tivesse nos deixado prematuramente, em um triste 4 de março. Neste pequeno texto lembro das muitas vezes em que quase encontrei Heliana: ocasiões em que tivemos lado a lado, fazendo coisas muito parecidas, lendo os mesmos livros, circulando pelos mesmos lugares na companhia de amigos comuns e, finalmente, trabalhando na mesma universidade onde, afinal, nos encontramos.

**Palavras-chave:** Heliana Conde; Análise Institucional; memória

---

#### **Abstract:**

Like Heliana, I was born in 1949 and in July 2024, I turned 75. That's what she would have done too, a few days before me, in June, if she hadn't left us prematurely, on a sad March 4th. In this short text I recall the many times I almost met Heliana: occasions when we were side by side, doing very similar things, reading the same books, going to the same places in the company of mutual friends and, finally, working at the same university where, after all, we met.

**Keywords:** Heliana Conde; Institutional Analysis; memory

---

*DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88535*

Aos mestres aprendizes, que Heliana tanto amava.

Assim como Heliana, nasci em 1949. Eu, no estado de Goiás; Heliana, no Rio de Janeiro. Em julho de 2024, fiz 75 anos. Era o que ela faria também, poucos dias antes de mim, no mês de junho. Em função da idade, teríamos que obrigatoriamente nos aposentar, embora fosse o nosso desejo, após a aposentadoria, continuar exercendo funções de ensino e pesquisa na universidade.

Em 1968, eu na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Heliana na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ingressamos na graduação em Psicologia, consistindo esta graduação em Bacharelado (4 anos) e Formação de Psicólogos (1 ano).

É bom que se diga que os cursos de Psicologia eram recentes no Brasil, sendo a Psicologia regulamentada como ciência e profissão apenas em 1962. A Psicologia da UFMG, por exemplo, ainda não havia formado sua primeira turma, quando lá ingressei. Consta que a primeira graduação em Psicologia no Brasil, ainda sem regulamentação oficial, foi em 1953, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Ao concluir o Bacharelado me mudei para o Rio de Janeiro, solicitando transferência da Federal de Minas para a Federal do Rio, onde Heliana se encontrava. Naquele ano, o curso de Psicologia da UFRJ tinha duas turmas, uma de manhã e outra à tarde. Fui alocada em uma turma diferente da Heliana. Assim, embora as duas tenham concluído a graduação em Psicologia no mesmo ano e na mesma universidade, não chegamos a nos conhecer. De nossos professores na UFRJ, lembro-me, particularmente, de Franco Lo Presti Seminário, Eliezer Schneider e [Maria Helena Novaes](#) Mira. Não cheguei a conhecer outros professores que lá ensinavam, como Antônio Gomes Penna, formado em Economia, Direito e Filosofia<sup>1</sup>. Como dito acima, ainda não haviam cursos de graduação em Psicologia no Brasil, à época.

Após concluirmos a graduação em 1972, ingressei no mestrado da PUC-Rio e Heliana, creio, no mestrado do Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (ISOP/FGV). Posteriormente, em 1981, o ISOP, embora mantendo a sigla, mudou sua denominação para Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais<sup>2</sup>, tendo sido extinto em 1990. Por estar na PUC-Rio, pude ver uma das conferências pronunciadas por Michel Foucault em maio de 1973, e que resultou na publicação do livro “A Verdade e as Formas Jurídicas”. De meus professores, neste mestrado, lembro-me com alegria de Carlos Paes de Barros e Luiz Alfredo Garcia Rosa.

Curiosamente, nem eu e nem Heliana concluímos esses nossos mestrados. Heliana, talvez, por não ter se identificado com o curso, ou por algum outro motivo. Não me lembro de ter conversado com ela sobre isto. Eu, porque fui para os Estados Unidos, onde cursei o mestrado e o doutorado no Departamento de Estudos Humanísticos e do Comportamento, da Universidade de Boston, onde lia-se muito Paulo Freire. Lá, conheci grandes educadores, como Paul Nash, Richard V. Rapacz, Hilary Bender e Howard Zinn, sendo este último

---

<sup>1</sup> Ver: Entrevista • Estud. psicol. (Natal) 2 (1) • Jun 1997

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/WFy7MLLEp6st9fXmTZF5YzM/?lang=pt>

<sup>2</sup> Sobre o ISOP/FGV, ver: <https://repositorio.fgv.br/handle/10438/8874>

historiador e cientista político. Alguns anos depois, Heliana inicia outro mestrado, desta vez em Saúde Coletiva, no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo defendido sua dissertação intitulada “As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises”, em 1994, sob orientação de Joel Birman.

Necessário que se diga que, durante todo este período, estávamos sob o jugo da ditadura empresarial-militar no Brasil, que durou longos 21 anos (1964-1985). Em Belo Horizonte, um de meus colegas de turma, Idalísio Aranha Soares Filho, foi morto no Araguaia, situação retratada na tese de doutorado de Juberto Antonio Massad de Souza, orientada por Ana Maria Jacó-Vilela e defendida no Instituto de Psicologia da UERJ, em 2021, transformada em livro, com o mesmo título: “Os ásperos tempos da Psicologia: do fechamento de espaços institucionais à luta revolucionária durante a ditadura empresarial-militar”<sup>3</sup>.

Em sua tese, Juberto “busca compreender a maneira pela qual uma fração de psicólogos e estudantes de psicologia no Brasil se inseriu em organizações clandestinas e revolucionárias para o enfrentamento da ditadura empresarial-militar entre os anos de 1964 e 1976” (Resumo da tese, s/p). Juberto também analisa o processo de institucionalização da Psicologia durante o governo militar, mostrando como se deu a criação do Conselho Federal de Psicologia (CFP). E aqui é bom lembrarmos que a Psicologia só começa a se modificar e romper com este passado após a Constituição de 1988.

É bom que se diga, também, que nem tudo foi ditadura neste período. Os ventos que sopravam em outros lugares, também nos atingiam. Presenciamos o maio de 68 francês, bem como a emergência dos novos movimentos sociais e, especificamente no nosso campo de estudo, a contestação dos manicômios, com enorme destaque para o que ocorria na Itália, com Franco Basaglia.

E aqui cabe mencionar a revista *Rádice*, objeto de investigação da tese de doutorado de Alessandra Daflon dos Santos, revista produzida por psicólogos, estudantes de psicologia, artistas e jornalistas durante a segunda metade da década de 1970, no Rio de Janeiro<sup>4</sup>. Conta Daflon que, durante o período de elaboração da tese, esteve vinculada ao *Clio-Psyché*, Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia, onde se encontravam pesquisadores de graduação e de pós-graduação, orientados por “Dona

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.bdtu.uerj.br:8443/bitstream/1/17644/5/Tese%20-%20Juberto%20Antonio%20Massad%20de%20Souza%20-%202021%20-%20Completa.pdf>

<sup>4</sup> Ver: *Rádice*: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da Psicologia no Brasil (tese de doutorado, PPGPS/UERJ, defendida em 16/05/08). *Mnemosine* Vol.4, nº1, p. 182-195 (2008). Link de acesso à tese: <https://www.bdtu.uerj.br:8443/handle/1/15061>

Clio” e “Dona Psyché”, todos/as preocupados/as com os “fazeres e dizeres” da psicologia no Brasil. Confidencia que essas são as “identidades secretas” das professoras Ana Maria Jacó-Vilela e Heliana de Barros Conde Rodrigues, mas diz que não está autorizada a revelar quem é quem. Algum palpite?

Daflon conta que, ao se deparar por acaso com a revista *Rádice*, surpreendeu-se com ela, ao reconhecer ali um movimento diferente do que ouvia e lia sobre a psicologia nos anos 1970. O idealizador da revista, o psicólogo Carlos Ralph ou Cê Ralph, graduou-se pela UFRJ, em 1975. Eu, particularmente, procurei estar presente em todos os eventos organizados pela *Rádice*, bem como li todos os números da revista. *Rádice* foi uma alegria na minha vida e senti seu fim como uma perda irreparável. Era como se um caminho tivesse se fechado, em tempos tão difíceis.

Nas palavras de Daflon:

“A Revista foi palco de debates sobre temas variados, muitos deles até então não compreendidos como relativos ao campo “psi” (psicologia, psicanálise e psiquiatria). Em suas páginas lê-se sobre as relações de poder no campo da medicina, a psiquiatria preventiva, a educação, a cientificidade da psicologia, o uso de drogas, o preconceito racial, sexo, casamento, macumba, prisões e desaparecimentos de presos políticos no Brasil e na América Latina, os efeitos da tortura, as transformações no campo da saúde mental no Brasil e em outros países, a experiência da antipsiquiatria, além de entrevistas e matérias com inúmeros autores conhecidos no cenário brasileiro como Nise da Silveira, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Gilberto Velho, Chaim Samuel Katz, Jurandir Freire Costa, Eduardo Mascarenhas, Hélio Pellegrino, e, também, nomes internacionais como Ronald Laing, Franco Basaglia, Félix Guattari, Wilhelm Reich, Carl Rogers. O período em que a revista *Rádice* foi produzida compreende o momento no qual os movimentos sociais e populares materializavam a denúncia dos atos violentos da repressão, reivindicando o fim da ditadura militar; a volta dos exilados; a cobrança de respeito aos direitos humanos feita ao governo brasileiro pelos organismos internacionais; as transformações no campo da saúde que serviriam de base para a organização de movimentos singulares como o sanitarista e a luta antimanicomial, nos anos 80; as mudanças nas expressões culturais e nas formas de compreensão e organização da luta política, conformando novos modos de resistência”. (p. 5)

Foi neste ambiente que cursamos a graduação e iniciamos nossos mestrados, e nem eu e nem Heliana, assim como outros colegas nossos, estávamos felizes com o que era ensinado como Psicologia nos cursos de graduação. Eu, particularmente, não me sentia confortável em aderir a uma Psicologia que entendia o sujeito ou como natureza humana universal, sem história, ou como mero resultado de sua classe social, em uma leitura mecanicista do

marxismo, ou ainda o resultado de condicionamentos à moda do behaviorismo em voga à época, sem nenhum processo de subjetivação. Ou uma psicologia do indivíduo, assentada em uma pretensa essência ou natureza humana, ou um indivíduo resultado apenas de suas circunstâncias. Foi quando muitos de nós buscamos a Psicologia Social, Institucional ou de Grupos, como um caminho possível. Nesta caminhada, encontramos Michel Foucault, através de Roberto Machado (1979)<sup>5</sup>, passando antes por Louis Althusser e pela chamada epistemologia francesa de Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Alexandre Koyré. Tal epistemologia nos foi apresentada por autores brasileiros, entre os quais Carlos Henrique de Escobar, além de todos os que escreviam na revista *Tempo Brasileiro* e nas coletâneas da Editora Vozes, como Marco Aurélio Luz, Eginardo Pires, Alberto Coelho de Souza, Cabral Bezerra Filho e Antônio Sergio Mendonça.

Heliana, aqui no Rio, buscou o IBRAPSI. Eu, em Belo Horizonte, ainda como estudante dos primeiros anos de graduação, me integrei ao Setor de Psicologia Social, coordenado por Célio Garcia que, generosamente, abria suas portas para qualquer aluno interessado. A princípio, sem entender muito dos assuntos tratados, gostava imensamente do clima de liberdade e diálogo propiciado por Célio Garcia. Quando, mais tarde, Heliana fazia sua pesquisa sobre a história da análise institucional no Brasil, buscou conhecer melhor o Setor, particularmente interessada na vinda de Georges Lapassade ao Brasil em 1972, que coincidiu justamente com o ano de minha mudança para o Rio. Assim, eu já não estava mais na UFMG no período em que Lapassade esteve por lá<sup>6</sup>.

Em seu precioso texto “Sejamos realistas, tentemos o impossível”. Desencaminhando a psicologia pela análise institucional, publicado no livro “História da Psicologia. Rumos e percursos” (Jacó-Vilela, Ferreira e Portugal organizadores, Nau Editora, 2013), assim se expressa sobre o Setor:

“Em Belo Horizonte, a criação (1963) do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) quase coincide com a instauração da Ditadura Militar (1964). Entre os primeiros professores destaca-se Célio Garcia (1930 -)<sup>7</sup> que, formado em Paris (1955), está marcado pelas reflexões/ações dos psicólogos críticos. Ele logo reúne à sua volta estudantes e jovens professores, insatisfeitos com a hegemonia que a linha experimentalista detém na

---

<sup>5</sup> Ver: *Microfísica do Poder* – coletânea de textos de Michel Foucault organizada por Roberto Machado, 1979.

<sup>6</sup> Em seu livro, “No rastro dos “cavalos do diabo”. Memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil”, publicada pela Ed. Lamparina e FAPERJ em 2023, Heliana escreve um Adendo, intitulado “Encontro intempestivo. Georges Lapassade no Brasil, 1972: um acrobata no circo da ditadura militar”.

<sup>7</sup> Célio Garcia faleceu em 2020, aos 89 anos de idade.

formação de psicólogos. Este grupo, a princípio informal, passa a desenvolver atividades tão originais e características – pesquisa em saúde pública, ações de reforma em hospitais psiquiátricos, atendimento a demandas de intervenção psicossociológica dentro e fora da Universidade –, que rapidamente é visto como “um setor” e, não muito depois, como “O Setor de Psicologia Social da UFMG”. (ps. 638/39)

Sobre a Análise Institucional no Brasil, não há como resumir todas as considerações feitas por Heliana, onde enfatizou principalmente o que se passava no eixo Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Em relação ao Rio, destacou principalmente a trajetória do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI), inicialmente dirigido por Gregório Barenblitt e Chaim Samuel Katz.

Sobre sua ida para o IBRAPSI, vejamos o que diz Heliana, em seu livro *No rastro dos cavalos do Diabo*, já citado.

“Marcada pela “demanda do social” que ressoava em boa parte da intelectualidade *psi*, eu era, à época, professora do curso de Psicologia de uma universidade privada, de tipo confessional, no Rio de Janeiro. Como tantos outros, desejava engajar-me em uma psicologia ... social! O panorama reinante neste campo, contudo, era decepcionante, até mesmo porque se tratava de um *território demarcado*, em nada semelhante a uma instância de análise capaz de abrir fazeres e dizeres psicológicos a novas formas de visibilidade e/ou enunciação. Referências ao predomínio da psicologia experimental positivista norte-americana tornam-se até dispensáveis em função dessa característica, limitando-se a exacerbar as impossibilidades de circulação ou movimento. Sob tais circunstâncias, restavam ávidas, a princípio guiadas pelo marxismo estruturalista francês (Althusser, Balibar e os althusserianos brasileiros) e pela epistemologia, também francesa, na linha da história conceitual das ciências (Bachelard, Canguilhem e os brasileiros associados) colhidas na Revista de Cultura Vozes e na Tempo Brasileiro. (p.21)

(...)Nesse contexto, a partir de 1978 desponha no Rio de Janeiro um novo estabelecimento de formação: o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (Ibrapsi). (p.22)

(...)Ali estava, quem sabe, a almejada psicologia (ou psicanálise?) social ou sociologizada ... Meus olhos brilharam ao examinar a lista – novamente ela – de autores que se previa estudar: Althusser, Carlos Henrique Escobar, Canguilhem, Eginardo Pires, Balibar, Marco Aurélio Luz – minhas ancoragens teóricas na Vozes e Tempo Brasileiro –, e mais Pichon Riviére, Bleger, Maxwell Jones, Laing, Cooper, Basaglia – associáveis à experiência vivida nas comunidades terapêuticas –, além dos psicanalistas – em um evidente corte althussero-lacaniano.(p. 22)

(...)Resisti por certo tempo; O Ibrapsi era alvo tanto de elogios rasgados como de críticas contundentes. Alguns alunos da universidade me precederam e, em parte por sua influência, em 1980 ingressei no curso de formação. E foi com as experiências a partir de então vividas que me fui tornando, simultânea e/ou sucessivamente, alguns apelidos – psicóloga social (grupalista),

socioanalista, analista institucional ... historiadora? Tudo isso muito misturado, e a última alcunha, especialmente, incorporada mais à maneira do devir do que como forma de profissionalização”. (p.22)

Enquanto isto, tendo eu concluído os créditos no doutorado, voltei ao Brasil para realizar a pesquisa que resultaria na tese, defendida em 1981, no departamento de Estudos Humanísticos e do Comportamento. Tendo voltado muito jovem dos EUA com o título de doutor, numa época em que ainda não haviam cursos, ou pelo menos quase nenhum, de doutorado em Psicologia no Brasil, continuei trabalhando no Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE- FGV), agora como contratada. Assim, fui muito requisitada para orientação e para participar de bancas de mestrado e doutorado, na tentativa de formarmos professores com titulação para comporem as Pós-Graduações no Brasil. Participei de bancas não apenas na área de Psicologia, mas de muitas outras, inclusive Ciências Contábeis, onde orientei algumas dissertações. Heliana gostava muito de ouvir as histórias das bancas, quando eu lhe contava. Dava boas gargalhadas e me pedia que escrevesse sobre isto.

Assim, eu que me graduei no mesmo ano, no mesmo curso e na mesma universidade que Heliana, fui de sua banca de Mestrado na UERJ, em 1994, cujo título “As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises”, veio a ser publicada pela Editora Lamparina, em 2020. Cecília Coimbra, que também compunha a banca, foi a minha primeira orientanda de Mestrado, defendendo sua Dissertação intitulada “Psicologia Institucional: Dificuldades e limites”, no IESAE/FGV. Também fui da banca de Ana Jacó, que havia sido minha colega de graduação em Psicologia, na UFMG. Fui, inclusive, da Banca de Carlos Henrique Escobar, um de meus mestres mais queridos, cujas aulas, palestras e livros eu gostava imensamente de assistir e ler.

E aqui abro um parêntesis para contar uma história diferente, sobre as bancas. Então... eu orientava o Paulo Armando Esteves Martins Viana, no doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ), e sempre mencionava para ele e para os seus colegas, como tinha sido interessante participar da banca de sua dissertação, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Diante das muitas vezes em que eu repetia isto, passados dois anos, Paulo já não sabia mais o que fazer, pois, na realidade, ele sabia que eu não havia sido de sua banca de mestrado. Um dia ele criou coragem e disse que precisava me contar uma coisa, que nem sabia como dizer, mas que era importante: que eu não tinha sido de sua banca. Pega de surpresa, disse: como não? Você se esqueceu de sua própria banca? Dê uma olhadinha no Lattes e veja lá o que está escrito. Depois pensei: porque eu mesma não olhar no Lattes? E lá estava: eu não constava da banca. Como assim, eu não fui

da banca do Paulo? Relutei muito em aceitar isto e até hoje tenho dúvidas se realmente não fui de sua banca. Quando contei esta história, no exame de qualificação de doutorado do Paulo, onde Heliana e Claudia Abbês, sua orientadora do Mestrado, compunham a banca, rimos às gargalhadas e elas foram unânimes em afirmar que sim, que eu tinha sido da banca de mestrado do Paulo.

Pedi ao Paulo a gentileza de nos contar essa história:

“Em 2013 conclui o mestrado em psicologia na UFF, na época, eu e minha orientadora, Cláudia Abbes, cogitamos convidar Esther Arantes para a banca, contudo, a mesma, por algum motivo, não teve disponibilidade para participar, o que foi uma pena para nós, tendo em vista a proximidade com o tema e o desejo de escutar aquela que tanto admirávamos. Em 2017, me inscrevi no doutorado do PPFH/UERJ para concorrer a uma vaga com a professora Esther Arantes. Há época, aguardei com muita ansiedade o resultado que, para mim, significaria estar, partilhar e encontrar aquela que é uma grande referência de pesquisadora-militante, cuidado e docência, delicadeza e crítica, uma foucaultiana do cotidiano que chamamos Esther Arantes. Lembro-me que na entrevista de seleção, Esther me falou: “- Você sabe que a nossa querida Heliana Conde agora está aqui também, né?” Meus olhos vibraram de alegria, tinha ali tudo o que eu queria: duas forças militantes, dois modos de interferir no mundo que são meus grandes (des)orientadores de deslocamentos possíveis. Eu, um pesquisador-trabalhador das políticas públicas, tinha comigo, naquele momento, começado a tracejar um plano que daria consistência ao desejo de desobedecer e incitar microrevoluções no trabalho, no pesquisar e no escrever. Fui aprovado. Iniciei o doutorado em 2017, em meio aos desesperos e belezas de trabalhar pesquisando e inventando métodos que pudessem dar conta dos movimentos das redes tensas, intensas e, por vezes, mortificadoras, que conformam e deformam regimes de visibilidade e dizibilidade em meio às políticas de cuidado que se operam nos SUS. As forças Esther-Heliana estavam/estão lá e aqui, presentes.

No início dos nossos encontros de supervisão/orientação, junto aos debates do campo de pesquisa, Esther me conta que participou da minha banca de mestrado e que havia gostado muito de tudo que leu e escutou. Relata com vigor e intensidade sobre esse dia, o que me deixou muito feliz e envergonhado, pois, cá comigo, pensei: Esther não estava na minha banca de mestrado, ou estava? Por alguns momentos me confundi e fui tentando construir essa memória. Vinham três: aquela em que eu e Claudia conversávamos sobre a importância e beleza da Esther estar presente na banca, aquela em que imaginei como teria sido Esther estar na minha banca e aquela que, por aí, chamam de verdade: o dia da defesa, com banca formada por Claudia Abbes, Lilia Lobo e Ana Heckert. Enfim, Esther não estava, mas eu queria que estivesse. Sendo assim, quando Esther me contou sobre o dia da minha banca e da sua participação, não tive coragem de rebatê-la com as minhas memórias, resolvi sustentar a fabricação, o que, paradoxalmente,

aparecia como uma coragem de dar passagem a um processo de singularização, a uma invenção conjunta. Acho que ali, também, dei passagem à força Esther-Heliana.

Alguns anos se passaram, com eles, as amizades também se consolidavam, os afetos iam tomando rumos cada vez mais estreitos e, junto a certeza do amor, a segurança de tornar pública a fabulação. Um dia, dentro do elevador, por algum motivo que já não me lembro, Esther retoma nosso belo encontro na banca de mestrado. Vamos saindo, caminhando pelos corredores do 12 andar e digo: -Esther, então, preciso te contar uma coisa, você não estava na minha banca de mestrado, infelizmente. Ela franze a sobrancelha, assustada com a revelação que aos seus ouvidos soava como equívoco e responde crédula: Estava sim!

Ela conta que foi ao seu lattes no mesmo dia conferir a história e não encontra minha banca e diz que zangou um pouco comigo: Como o Paulo poderia ter esquecido de citar o meu nome? Como teria esquecido disso? Agora, já incrédula em suas certezas, passa a aceitar o fato com reticências.

Alguns meses passam e chega a minha banca de qualificação do doutorado formada por Esther, Heliana, Claudia Abbes, Luiz Saleh e Martinho Silva. Antes de começar a dita arguição, começamos a prostrar e Esther dispara a todos a história da banca de mestrado. Claudia ria muito, acompanhada também da gargalhada contagiante de Heliana. Claudia aposta na veracidade da memória da Esther e Heliana garante que a invenção é mais e sustenta a força política e subversiva das memórias que fabricamos, colocando em dúvida, inclusive, qualquer outro modo de pensar que não seja forjado pela quentura imaginativa que nos provoca mundos outros. Nesse dia, mais uma vez, entendi que estava sendo (des)orientado por movimentos e deslocamentos, bem como pela questão que o Foucault anarquólogo, apresentado por Heliana neste dia, nos faz: a não necessidade de qualquer poder. É por essa não necessidade que ativo, nas encruzilhadas da vida, a força que conheço como Esther-Heliana para inventar, em meio aos nós rígidos e maleáveis dos serpenteios capitalísticos, mundos outros”.

Quando voltei dos EUA, em 1981, fui imediatamente contratada pela PUC-Rio, mas continuava trabalhando também no IESAE/FGV. Inesperadamente, aproveitando os ventos que sopravam contra a Constituição Cidadã de 1988, no Governo Collor, a FGV-RJ fez um grande desmonte dos cursos das áreas das humanidades. Em função disto, muitos de nós, professores do IESAE, fomos acolhidos na UFF, UFRJ e UERJ. Eu fui para a UERJ. O ISOP também foi desmontado.

Por outro lado, também houve o desmonte do curso de Psicologia da Universidade Santa Úrsula, e Heliana também foi para a UERJ. Eu, para a Faculdade de Educação e Heliana para o Instituto de Psicologia. Mais uma vez, não nos encontramos, a não ser uma vez em que estivemos aguardando sermos atendidas na então vice-reitoria de extensão e cultura. Não nos conhecíamos e, assim, trocamos apenas formalidades e palavras gentis. No entanto,

cabe mencionar que eu havia dito que estava ali para conversar sobre o Programa Cidadania e Direitos Humanos (PCDH-UERJ)<sup>8</sup>. Na companhia de Miguel Baldez e Sérgio de Souza Verani, oferecemos, por muitos anos, o curso de extensão de Direito Social onde, inúmeros militantes dos movimentos sociais compareciam. A professora então perguntou: - Não é lá que trabalha a professora Esther Arantes? Dizem que ela é uma pessoa legal. Sem saber como responder, talvez por timidez, não me apresentei. Disse apenas: - Sim, acho que sim. Após ser atendida e já indo embora, perguntei à secretária quem era a professora que estivera aguardando comigo na sala, ao que respondeu: Heliana Conde.

Quanto ao Conselho Federal de Psicologia, este já vinha fazendo a crítica de seu passado e se alinhando aos novos ares democráticos, pós Constituição de 1988. Neste movimento, criou a Comissão de Direitos Humanos, em 7 de agosto de 1997. Desta primeira Comissão participaram Cecília Coimbra e Heliana Conde. Eu participei da segunda Comissão. Durante este período, Heliana escreveu diversos textos relacionados ao tema, entre os quais me lembro de “Construindo a relação entre Psicologia e Direitos Humanos”.

E, embora, a esta altura dos acontecimentos eu já conhecesse Heliana, nós nos aproximamos mais a partir dos eventos realizados na UERJ, do Clio Psyché e das publicações e pareceres para a Revista Mnemosine. Mas foi quando ela se integrou ao PPFH/UERJ, que ficamos mais próximas. E, aqui, abro novamente um parêntesis para contar uma outra história.

Enquanto professora no curso de graduação em Psicologia na PUC-Rio, durante muitos anos fui responsável pela disciplina Instituições Sociais. Fazia parte da ementa da disciplina discutirmos as instituições totais, entre as quais, a prisão. Para discutirmos este tópico, indicava o livro de Foucault, “Vigiar e Punir”. Acompanhando o texto, costumava passar o filme intitulado Giordano Bruno, tanto para ilustrar a passagem da pena de suplicio para a pena de encarceramento, quanto por minha admiração por Giordano. Lia muito sobre ele, mas não me sentia capaz de escrever sobre ele, uma vez que, não sendo eu teóloga e nem astrofísica, achei que nada teria a dizer. Também não me sentia capaz, e nem interessada, em me aventurar por uma análise do tipo epistemológica, para decidir se as teorias de Bruno podiam ser consideradas científicas ou não.

No entanto, o último curso de Foucault ministrado no Collège de France - A coragem da verdade - me apresentou a noção de parresia, e assim, finalmente, eu pude escrever sobre Giordano Bruno, considerando-o um parresiasta. Busquei em todos os escritos de Foucault uma única palavra sobre Bruno, mas não encontrei. Quem sabe Heliana, que tudo sabia de

---

<sup>8</sup> Ver: Programa Cidadania e Direitos Humanos: extensão universitária e movimentos populares. Revista Interagir, UERJ, 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/18582>

Michel Foucault, poderia me ajudar? Lhe disse: Heliana, já procurei em todos os lugares e não encontrei nada que Foucault tenha dito sobre Giordano Bruno. Será que eu não procurei direito? Mas porque Foucault, que até fala de Galileu, nada disse sobre Bruno? Ao que ela me respondeu: Foucault não falou sobre Giordano Bruno, que é para você falar! Assim, escrevi um texto e o enviei para avaliação da revista *Mnemosine*<sup>9</sup>.

Passado um tempo, resolvi enviar ao CNPQ um projeto de pesquisa, na tentativa de obter um pequeno financiamento para um projeto de pesquisa, a ser realizado com a participação de alunos da Graduação da UERJ. O parecer que recebi do CNPQ dizia que o projeto foi considerado relevante, mas que eu escrevia em revista Qualis B (*Mnemosine*?). Assim, fui desqualificada para obter a bolsa de pesquisa, não porque o projeto fosse considerado ruim ou sem relevância, mas pela escolha das revistas onde publicava. Curiosamente, por quase 20 anos fui da Comissão Editorial da revista *Psicologia Clínica*, da PUC-Rio, avaliada em Qualis A.

Assim, gostaria de fazer algumas considerações sobre a revista *Mnemosine*. Sabemos o quanto Heliana amava o que fazia e o quanto sua diretriz ao conduzir a *Mnemosine* era um posicionamento ético-político. No site da revista, lá está escrito: “O periódico teve início em 2004. É uma publicação de periodicidade semestral. Publica trabalhos relacionados à memória e à história da Psicologia. Acata igualmente textos que, mediante a Genealogia, a Análise Institucional, a Filosofia das Diferenças, a Teoria do Ator-Rede e/ou a Etnografia, entre outros saberes, desnaturalizem realidades e facultem, consequentemente, a ultrapassagem de limites aparentemente universais e/ou eternos”<sup>10</sup>.

O número zero, especial de lançamento, foi publicado em 29/07/2004, e seu conteúdo corresponde aos artigos do livro “CLIO-PSYCHÉ - Histórias da Psicologia no Brasil” (Rio de Janeiro, NAPE/UERJ, 1999). Assinam o Editorial Ana Maria Jacó-Vilela, Fábio Jabur e Heliana de Barros Conde Rodrigues.

Já o Editorial do vol. 1, n. 1, publicado em 2005, assinado por Ana Jacó e Heliana, assim prometia:

“Eis o primeiro número (2005.1) da muito anunciada *Mnemosine*, revista eletrônica do *Clio-Psyché* – Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia.

Diziam os gregos que, presidindo à poesia lírica, *Mnemosine* fazia com que os homens recordassem os heróis e seus feitos. Os gregos, porém (e ainda bem...), diziam uma

---

<sup>9</sup> Ver: “Giordano Bruno, parresiasta. Filósofo e poeta do universo infinito”. In: *Mnemosine* Vol.15, nº1, p. 437-451 (2019) – Biografia.

<sup>10</sup> Sobre os diversos números da Revista, ver: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/issue/archive>

multiplicidade de coisas diferentes, pois a Mnemosine que reinventamos pouco se ocupa com a rememoração glorificante de heroísmos e feitorias ‘psi’. Quando algo toma dos gregos, opta pela fertilidade de uma produção – afinal, ela é mãe de Clio (e de oito outras musas), de tanto se deitar com Zeus!

Esta fértil produção, no caso, é a de saberes e práticas ‘psi’; e, se também faz recordar, privilegia a memória dos acasos, das contingências, das circunstâncias, das lutas, das condições e dos efeitos a eles associados. Com isso, Mnemosine inquieta a pretensa “naturalidade” com que esses saberes e práticas habitualmente se aproximam de seus objetos de conhecimento e intervenção, e assim se recria, no presente – alguém ou além dos gregos, já alheia a tradições –, como geradora de História. (...)

Quanto ao Editorial do Vol. 2, nº 2, p. 1-2 (2006), assinado apenas por Heliana, podemos ler:

Editar uma revista dita científica é atividade simultaneamente prazerosa e árdua. Tal contraste é em grande parte responsável pelo fato de que a Editoria de Mnemosine esteja, a partir do presente número, confiada apenas a mim, e não mais à dupla de professoras-pesquisadoras do Programa Clio-Psyché – o que implicava até então a presença, como editora, da Profa. Ana Maria Jacó-Vilela. Creio que tomamos a melhor decisão: falava eu sempre do “prazer”, e Ana do “árduo”. Por sugestão dela, fiquei sozinha à frente da tarefa – sem conflitos, pois Ana permanece como integrante do Conselho Editorial de Mnemosine.

Mas... de que prazer se trata? Talvez, como nos ensinou Roland Barthes, o “prazer do texto”. Ou talvez, como nos sugeriu Foucault, e ainda experienciam os que insistem na vida pulsante presente no convívio acadêmico, “a amizade como modo de vida”. Sim, pois editores, autores, pareceristas, secretários, colaboradores eventuais etc. não só textualizam o que aparece na rede como produto acabado – um novo exemplar de Mnemosine, por exemplo –, mas igualmente textualizam a multiplicidade de afecções que compõe “a invenção do cotidiano”, ou seja, as táticas, as “maneiras de caça não autorizadas” com as quais, no tempo, forjamos escapes aos lugares-espacos de domesticação da existência – o recurso a Michel de Certeau compõe a bela tríade inspiradora deste pouco (ou seria muito?) de possível.

Mas não se equivocam totalmente os que remetem ao “árduo” da edição de uma revista. Vejo-o configurado, contudo, menos pela presença de uma infinidade de tarefas – receber contribuições, enviá-las a pareceristas, garantir pontualidade na apreciação dos textos, voltar eventualmente a enviá-los aos autores para reformulações, por vezes (tristemente) recusar escritos e, em meio a tudo isso, manter uma periodicidade regular –, do que por alguns aspectos menos destacados por editores experientes. Dentre eles, destaco o anonimato: autores e pareceristas relacionam-se através de escritos não-identificados.

Garantia de equanimidade nas avaliações? Talvez. Porém decerto também uma retirada dos textos da arena viva de problematizações, debates, sugestões matizadas, entusiasmos amorosos (ou raivosos..), diálogos, polêmicas, risos e tristezas. É muito para ficar em segredo, e esta “aprendiz de feiticeira-editora” gostaria que os provavelmente raríssimos leitores deste Editorial pudessem auxiliá-la a pensar um “modo de vida editorial” menos dependente de recomendações científico-coercitivas, mais aberto a regras facultativas capazes de criar dobras éticas compartilhadas. (...)”

No Editorial de 2008 (Vol.4, nº2, p. 1-2), Heliana comunica ser este o último número em que a revista se encontra vinculada ao Programa Clio-Psyché. Diz que a revista parte, com sua editora, para novos espaços-tempo, sem se desligar, contudo, do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ.

O último número da *Mnemosine* que teve a participação de Heliana (v. 19 n. 2, 2023), só foi possível ser publicado em 2024. No Editorial, assinado por Alice De Marchi, Daniel Maribondo e Rosimeri Dias, podemos ler:

“No último dia 4 de março, a brilhante professora e querida amiga Heliana de Barros Conde Rodrigues faleceu, depois de um período de hospitalização que vinha desde setembro de 2023. Heliana, ou Heli, ou ainda Lili Conde, que, dentre tantas outras, possuía uma habilidade ímpar de fazer brotar a delicadeza e o cuidado por entre o concreto duro da universidade, quebrando-o, rachando-o, como uma planta que insiste com sua potência de vida às técnicas mais modernas de impermeabilização de construções (tais quais aquelas que rechaçam qualquer produção de conhecimento intumescida de afeto).

(...)Precisávamos, juntos, lidar com o luto da perda de nossa amiga e, tal qual, juntos, dar corpo e continuidade ao encontro com ela, através de *Mnemosine*. E cá estamos, com o número publicado.

(...)O que faremos disso, Heli certamente diria: cabe a nós. Não há uma receita, nem algo ideal a seguir ou alcançar, apenas pistas, rastros, talvez algo que buscamos que permaneça desse efeito Heliana: delicadeza, cuidado e coletivo”.

Por fim, antes de finalizar este texto e dizer o quanto sinto falta de Heliana, de sua ternura, de sua companhia, de sua inteligência, de seu humor e gargalhada generosa, de seu imenso conhecimento sobre Foucault e outros autores e, principalmente, de sua amizade, uma palavrinha sobre os “mestres aprendizes”, que Heliana tanto amava.

Falando sobre sua docência, Heliana disse que em 1989, quando ingressou na UERJ, ela gostava de ser professora e que, aos poucos, foi se desgostando, em função dos diversos constrangimentos, regulamentações e controles que começaram a ser impostas aos professores e alunos, como sinônimo de produtividade acadêmica – procedimentos estes que foram sendo

introduzidos na vida acadêmica pela CAPES e agências de financiamento de pesquisas. Tanto os cursos de pós graduação como as revistas acadêmicas passaram a receber notas, o que implicava em aprovação ou desqualificação, inclusive dos professores<sup>11</sup>.

Heliana diz que viver tudo isso teria sido, além de aborrecido, muito triste e mortífero, na ausência de certos bons encontros. Afirmo ter sido decisivo o encontro com seus grandes “mestres”, entre os quais Michel Foucault e Alessandro Portelli, e com os seus “mestres aprendizes”, porque estes encontros a tiraram daquilo que era vivido como o intolerável na prática acadêmica.

No livro “As subjetividades em revolta” (2020, p.16), diz: “Se este livro versa sobre os mestres, certamente é aos alunos que se dirige, sem saber qual dos dois grupos a configura. Pois se a paixão por certos “mestres pensadores” fica, talvez, mais evidente, é a paixão dos “mestres aprendizes” que lhe dá forma, modo, estilo e condições de existência”.

Que este amor aos mestres pensadores e aos mestres aprendizes nos contagie.

### **Referências:**

Coimbra, Maria Cecília Bouças. “Psicologia Institucional: Dificuldades e Limites”. Dissertação de Mestrado. IESAE/FGV, 1980.

Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*; organizado e traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Foucault, Michel. *A verdade e as formas Jurídicas*. Cadernos da PUC/RJ. Série Letras e Artes – 06/74. Caderno n. 16. Rio de Janeiro, 4ª. Edição, 1979.

Instituto de Psicologia/UFRJ. “História do Instituto de Psicologia”. Disponível em: <https://www.psicologia.ufrj.br/index.php/instituto/2014-09-05-13-15-25>

Machado, Roberto. *Ciência e Saber. A trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1981.

Rodrigues, Heliana de Barros Conde. “Construindo a relação entre Psicologia e Direitos Humanos.” [https://www.academia.edu/29032640/Construindo\\_a\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_Psicologia\\_e\\_Direitos\\_Humanos](https://www.academia.edu/29032640/Construindo_a_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_Psicologia_e_Direitos_Humanos)

Rodrigues, Heliana de Barros Conde. “Sejamos realistas, tentemos o impossível”. *Desencaminhando a psicologia pela análise institucional*. In: Ana Maria Jacó-Vilela, Arthur

---

<sup>11</sup> Por diversas vezes critiquei tais procedimentos. Ver: Arantes, E.M.M. “Hierarquizar e diferenciar. Breves reflexões sobre a avaliação da produção científica”. Texto elaborado para XII Mostra PUC-Rio – 2008, intitulada “Os desafios da inclusão do conhecimento numa economia globalizada”. Disponível em: <https://www.abrapso.org.br/regionalrio/Hierarquizar.pdf>

Arruda Leal Ferreira e Francisco Teixeira Portugal (organizadores). “História da Psicologia. Rumos e percursos” 2, 515-563

Rodrigues, Heliana de Barros Conde: As subjetividades em revolta”. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina e FAPERJ, 2020.

Rodrigues, Heliana de Barros Conde. “No rastro dos “cavalos do diabo”. Memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil”. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina e FAPERJ, 2023.

Santos, Alessandra Daflon. Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da Psicologia no Brasil (tese de doutorado, PPGPS/UERJ, defendida em 16/05/08). Mnemosine Vol.4, nº1, p. 182-195 (2008). Link de acesso à tese: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/15061>

Souza, Juberto Antonio Massad de. “Os ásperos tempos da Psicologia: do fechamento de espaços institucionais à luta revolucionária durante a ditadura empresarial-militar”. Tese defendida no IP/UERJ, em 2021. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/17644/5/Tese%20-%20Juberto%20Antonio%20Massad%20de%20Souza%20-%202021%20-%20Completa.pdf>

Souza, Juberto Antonio Massad de. “A Ditadura militar e o Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/A4y74-2GLIA>

Esther Maria de Magalhães Arantes  
Mestre e Doutora em Educação  
Docente do Programa de Pós Graduação em  
Políticas Públicas e Formação Humana da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
E-mail: [arantes@puc-rio.br](mailto:arantes@puc-rio.br)